

## *Caminhadas*

Masé Lemos

O céu estava azul riscado apenas por algumas nuvens brancas, a temperatura amena, perfeito dia para caminhar no Jardim Botânico. É um jardim e como tal construído, mas lá dentro podemos esquecer a violência e o rigor do trabalho realizado para reorganizar e domar a natureza e criar uma bela paisagem. Caminhar numa bela paisagem, ver a beleza é tudo que se pode querer. Ao entrar no Jardim Botânico me senti atraída por uma grande aleia, com traçado reto que me conduziu a passos acelerados até o final. Olhava para frente e para os lados e sentia a vegetação em constante mutação de verdes e texturas, sons de aves entrecortadas vinham do alto e se misturavam com o vento. As árvores eram altas e antigas e exigiam que eu retorcesse meu pescoço para vê-las, pareciam penduradas no céu como brincos nas orelhas. Cheguei ao final dessa aleia e entrei imediatamente por um caminho estreito que beirava um pequeno córrego e tinha muitas árvores baixas. Diminuí a marcha, agora era preciso olhar atentamente para o chão, e vi os restos de frutas caídas, algumas já bastante carcomidas, folhas amareladas e o rápido passar de um esquilo maroto. Acabei me perdendo no jardim apesar de meu agudo senso de orientação, deixando-me levar por seus traçados. Voltei para casa e escrevi esse pequeno relato, ah, como é bom escrever depois de uma caminhada.

•

Eu havia me embrenhado pelo vale durante o máximo que pude aguentar. As águas eram abundantes, e mais ainda, o ar. Ultrapassei alguns vilarejos. E a língua mudou de repente, sem que a paisagem ganhasse outra característica. Passei a escutar palavras desconhecidas e um cheiro novo e orvalhado me invadiu. Não sei ao certo, escrevo depois dessa longa viagem a pé que fiz sozinha e durante a qual me perdi várias vezes entre as montanhas e o litoral. O sol alto me guiava e me envolvia com sua rara luminosidade. Formava uma membrana entre as coisas no mundo, naquela parte do mundo que eu estava percorrendo. A noite chegava e a experiência da falta de luz era quase táctil, contrastando com as estrelas desenhando relevos sutis ao longo do horizonte. Fiquei envolta pela noite, numa espécie de comunhão

com o mundo e seus sons, os últimos pássaros que passavam e uma coruja que começava sua jornada. Escutei outros bichos que não soube identificar, eles marcavam mais uma vez aquele novo território, o breu. Em breve chegaria à cabana onde me abrigaria e comeria alguma coisa.

•

Eu caminhava e tudo ia caminhando comigo, impunha um ritmo ao mundo, aquele mundo que ia sendo reativado, e criado pela minha passagem. Uma nova paisagem. Um país pela passagem. A passagem pelo país. A natureza, escreve Robert Walser, é tão misteriosa e tão inesgotável que no mesmo momento em que a desfrutamos, já a sofremos. Caminhar para o desconhecido, pode haver algo mais magnífico?

•

Naquele dia decidimos conhecer Anse Trabaud. Era preciso programar o passeio. Iríamos atravessar o extremo sul da ilha, ali onde o mar caribenho se transforma em Atlântico, segundo o guia turístico da região. Como não existe estrada, seria melhor ir a pé. Ir de carro até Anse à prunes, atravessar algumas enseadas e dar de cara com o mangue que se transforma em Savana das petrificações, espaço desértico de dois quilômetros que vai bordeando as falésias da ponta do inferno.

O mar antes tranquilo foi tomado pela ventania. O sol continuou firme e o protetor solar escorria pelo meu rosto. Do alto, o mar batia forte. Era linda e terrível essa região selvagem alternando mar e deserto. O medo diante da beleza e do desconhecido tomou conta de mim. Olhava assustada procurando os caminhos que nos afastassem do precipício. De repente, e como que premiados, chegamos em um bosque. Estranhos caranguejos-caracóis atravessavam a trilha que ia se formando em paralelo ao mar. Era ali Anse Trabaud? Ou seria ainda na outra ponta? Um turista nos informa que sim, ali era Anse Trabaud. O medo foi se arrefecendo diante daquela paisagem conquistada. E queria, após um breve descanso, voltar. Voltar é rápido e seguro.

Empreendemos o retorno em uma hora. Bastava seguir o caminho já percorrido e quando arriscávamos por outros, era um risco controlado. Um casal de turista que seguia em direção oposta nos pediu informação. A mulher tinha no olhar um misto de desespero e desprezo.

A praia é banhável? Faltava muito tempo? Era meio-dia. O sol forte adocicado pelo vento favorável fazia com que caminhássemos mais rápido. Era fácil voltar. E só mergulhei em Salinas, praia segura, cheia de turistas.

•

O dia estava nublado, alguns momentos de chuva; o céu coberto de nuvens pesadas e um arco íris surgia no horizonte, em cima de um grande rochedo. A estrada seguia até que em determinado ponto ela se tornou bastante sinuosa e estreita, penetrando em uma zona montanhosa. O sol, já menos forte naquele dia, foi totalmente recoberto pelas árvores altas e espessas. O mar aparecia de relance a cada curva o que aumentava o efeito de mistério que aquele caminho desconhecido emanava. Era um lugar isolado. Ali não havia traço de turismo e seu aspecto apaziguador.

•

Haveria de ser algo compacto, agudo, preciso, pontiagudo. Cada palavra seguida de outra palavra formada por sua vez por sílabas para chegar à dinâmica das linhas como deve ser toda prosa que se preze. Prezar a prosa era algo difícil. Formular uma frase completa e ritmada e simples, seca.

•

Caminho pela estrada que leva ao Parque Nacional dos Glaciares aproximando do monumento intocável Perito Moreno, escultura móvel, quando, do alto vem um enorme ronco, estrondo que faz descer bolas azuis mescladas de branco, muitos brancos diferentes que mexem na luz como nuvens que passam rapidamente diante do sol, e esse barulho é o único capaz de romper por um breve instante a superfície do lago. O bloco enorme de gelo cai dos glaciares formados pelas neves dos Andes e perfura o lago com força e o suga até seu fundo azul lunar. É desta matéria que o lago se forma, desta matéria que se transforma também em nuvem, em água, em gelo, em matéria do mundo, movente. É preciso perceber a movimentação sutil do lago, diferente da movimentação quase escandalosa dos rios que escorrem em fluxos pelas pedras, montanhas, cidades, levando e se levando até o mar. Um

lago é calmo, concentrado em si mesmo e em sua superfície, por isso o lago que bordeja o glaciar Perito Moreno me parece menos altaneiro, um pouco diferente dos lagos suíços, por exemplo, ele é ininterruptamente fendido pelos blocos de neves que caem causando grande impacto em sua superfície. Desse movimento depende sua própria existência de lago. Um lago que mantém sua postura horizontal, aplanada, mas sempre ameaçado pelo que cai do alto e que submerge em seu fundo escuro.

•

É preciso caminhar. Pelos mares como o navegador em sua dupla precisão. Pelas ruas como o *flâneur* em suas múltiplas aptidões. Súbito, uma pedra no caminho, qual a ortografia daquela palavra? E mudamos o rumo da prosa. Caminhar é o preciso cuidado com as pedras e o coração? Meu coração percebe o caminho e às vezes estanca em uma pedra e a afaga docemente com as mãos. Uma pedra, a areia rosácea em que agora piso e a folha amarelada que cai da alta, esse nome de árvore que não conheço e acompanho com meus olhos seus frutos ainda verdes e ao lado amoras brotam e caem também pelo chão. Muitas cores, odores, texturas me envolvem na percepção. Inúmeros acasos me puxam ou haveria uma cadeia infinita de causas e efeitos e que explicariam a afecção do meu corpo e um outro corpo, minha atração para a formiga que sobe pelo meu braço e que imediatamente rechaço com veemência? Volto a dar alguns passos e outros e outros com ritmo mais acelerado, o verde caminha, o verde verdeja penso rapidamente, verdeja em várias tonalidades e espessuras.

•

Preciso começar de um ponto de uma cartografia já bastante adiantada e praticamente completa. Qual a arte da cartografia? Caminhar para escrever os mapas. Se tivesse começado a caminhar, por exemplo, com os naturalistas que viajavam em expedições científicas pelo Brasil, os mapas seriam apenas frágeis coordenadas que necessitariam de verificação. Viajar, caminhar para constatar, para catalogar os espaços, esquadrihar o mundo e nomeá-lo.

Poderia também começar uma simples caminhada deambulatória pelos campos, vales e lagos. Sem nada averiguar senão o fato de caminhar,

movimento e prosa de trem transiberiano ou daquele outro roteiro que passa por Minas.

•••

Cortar uma paisagem

As areias sedimentadas  
Terras perfuradas pelas lavras  
Blocos geológicos  
Trabalhados  
Pelo ar pelo vento

A chuva também desenha

Apaga meu corpo com tempo.

••

Caminho também com os olhos, as mãos, a voz e o coração. Meus olhos olham pela janela aberta para o verde, o céu está cinza, e voltam para a tela do meu computador portátil. Escuto música clássica de piano que vem do CD. Meus dedos batem nas teclas macias. Meu coração se transporta para o devaneio da pura sensação e pena na obrigação do raciocínio que não pode patinar. O meu raciocínio precisa respirar o ar puro tanto quanto o coração e minhas mãos. Quando o raciocínio patina ele se torna pesado, tende a agarrar meus dedos e pressioná-los contra o teclado fazendo-os patinarem, o coração é contaminado por essa *pesanteur* [que outra palavra posso usar aqui? – se torna um pequeno caminho sem saída ainda, mas com possibilidade de continuá-lo, o caminho de que certas expressões são mais exatas em determinados idiomas e passar ao assunto da intraduzibilidade e depois...] o pensamento se perde em mil redemoinhos e se torna silêncio, mudez. Caminhar é o encontro com um outro tipo de silêncio do mundo. Um mundo que quero habitar e que me habita pelo hábito que ele me impõe. Uma prosa com barulhos d'água, um gemido de motor e um silêncio cheio de ruídos como deve ser todo silêncio que se preze. Uma prosa que vai recolhendo alguns pedaços do mundo, folhas, barulhos, uma respiração que há muitos anos aconteceu aqui.

••••

E desta visão privilegiada você me diz a totalidade estendida. Sim, desta janela somos pintores renascentistas a olhar o branco glacial que escorre pelos Andes e faz dar aqui para criar o lago Argentino. Todo esse movimento do sólido para o líquido, do líquido em nuvens que encobrem as montanhas. Hoje o vento está mais forte. O gelo desliza mais forte na água se derretendo em água, como estará o glaciar daqui a dez anos? Dizem que a geleira está diminuindo drasticamente. As crianças no Parque Nacional dos Glaciares Perito Moreno pulam e correm a cada rugido que anuncia a queda na água, desse desejo de água que parece ter o gelo nesse momento ínfimo anterior à transformação, destino de água próprio do gelo andino. O fotógrafo brasileiro tenta ali naquelas passarelas capturar o momento preciso entre o barulho e a queda. Em vão. Qual foi exatamente o movimento que ensejou aquele desmoronamento?

•

Certa vez caminhei até quase o topo da montanha Pelée, vulcão ativo que numa noite dizimou 30 mil pessoas em Saint-Pierre. A montanha era relativamente pequena, mas tive muito medo. O ar desolado e singelo daquele buraco na terra, que mais parece um furúnculo ressecado, ainda inspira temor e reverência.

••••

Nesta manhã fresca e ensolarada, começo a caminhar da grande cidade e do grande lago conhecido rumo ao pequeno lago quase desconhecido. Não seria essa a finalidade de todo passeio, além de rabiscar alguns rastros pela terra?